

## Resenhas

### *A paródia em novelas folhetins camilianas*

Em publicação patrocinada pelo Ministério da Educação e Cultura de Portugal, através do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICALP), o professor brasileiro José Édil de Lima Alves faz chegar ao leitor português (e brasileiro, espere-se!) um livro da "Coleção Breve" que estuda aspectos originais da obra de Camilo Castelo Branco: a paródia da novela-folhetim. Situando o problema, inicialmente, na questão que envolve a recepção da obra camiliana, José Édil analisa a crítica feita ao conjunto dessa mesma obra, flagrando aspectos que o próprio Camilo denunciou em seus livros, circunstância que não foi levada em conta por considerável parcela dos críticos portugueses.

Refazendo o caminho percorrido pelo romance-folhetim, o autor brasileiro mostra a importância dos meios de comunicação modernos na redescoberta do gênero, ao mesmo tempo em que estuda aspectos específicos da paródia em face da literatura experimental e da literatura tradicional.

Na parte mais substancial do livro, o Autor desenvolve, em mais de cem páginas, a tese de que a obra camiliana, no seu conjunto, não pode ser estudada à luz dos esquemas tradicionais e redutores, mas precisa ser lida na perspectiva de sua atualidade. Mostrando com exemplos significativos o modo como Camilo Castelo Branco trabalha um material antigo e desgastado, José Édil revela ao leitor a originalidade da novela-folhetim, enfatizando os recursos estilísticos usados por Camilo para alcançar os efeitos que deseja: os "prefácios", as "introduções", "avisos" e "advertências", elementos pré-textuais de que se aproveitava para dirigir-se ao leitor, fazendo considerações sobre a literatura estrangeira e portuguesa da época, sem deitar, no entanto, de referir-se ao seu próprio trabalho. Do mesmo modo, é salientado o papel do narrador, um Camilo que se intromete nas histórias, parodiando os narradores do romance tradicional. Esses recursos, por si mesmos originais, são completados pelo tratamento que dá Camilo ao conteúdo de suas narrativas, assim como de seus personagens.

*A paródia em novelas-folhetins camilianas* encerra com um capítulo no qual o professor José Édil, desatrelando a narrativa folhetinesca do seu caráter de verossimilhança, propõe o seu entendimento na perspectiva *carnavalesca*, quando, então, com-

preendidas no sentido bakhtiniano da expressão, tais narrativas se mostram inovadoras, justificando sua permanência na literatura de língua portuguesa moderna.

Volnyr Santos  
PUCRS

ALVES, José Édil de Lima. *A paródia em novelas-folhetins camilianas*. Lisboa: Biblioteca Breve, IICALP, 1990.

### *Dupla Traição*

Aparentemente ultrapassada em seu tema – as frustrações da geração dos sessenta em nosso país – na verdade a novela de Jane Tutikian “Geração traída” que só agora se publica é um amargo balanço, dolorosa reflexão em torno daquela geração que necessitava verdadeiramente de um tempo para poder afirmar-se, deixando de ser um texto emocional para tornar-se uma obra de fundo em torno de um tema que já nos deu tantos textos, mas nem sempre os de melhor qualidade.

Escritora ambientada a enredos mais intimistas, é até surpreendente que Jane Tutikian excursiona por um assunto que aparentemente estaria distante de suas preocupações. Contudo, “Geração traída”, se inova pelo assunto abordado pela autora, não se distancia da linha estética de criação literária que Jane Tutikian vem desenvolvendo.

A novela se estrutura em três diferentes tempos e momentos, sendo o primeiro o elo de ligação entre os dois outros. Aliás, aqui começa exatamente a inovação estética da autora. Porque se reduzirmos o enredo a quatro ou cinco linhas, efetivamente teremos uma história banal, certamente tantas e tantas vezes contada e recontada aqui e ali. Mais que isso, um enredo que, em certos momentos, aproxima-se mesmo do folhetinesco, bastando lembrar-se o fato de a narradora e heróina, Hilária, ser uma mestiça e, por isso mesmo, rejeitada pela orgulhosa família de que descende, após a morte da mãe no parto. Contudo, é a reorganização – é a maneira pela qual a escritora organiza a matéria-prima que é o enredo – que faz com que a novela se imponha ao leitor. E um dos elementos de destaque é justamente a estruturação temporária. Assim, e para voltarmos ao que abordava acima: a novela se estrutura em três diferentes partes e momentos. A primeira se intitula *iniciação* e temporalmente se segue à segunda, denominada *transmutação*, antecedendo por seu lado, à última, *poder* que é, enquanto narrativa, do ponto de vista dramático, o pináculo de toda a estrutura.

*Iniciação* distancia-se do aspecto positivo que se empresta normalmente ao termo. Pelo contrário, a iniciação de Hilária se dá pelo lado negativo da vida e da experiência. Por isso mesmo, ela, como seu primo e amante Fred(érico) colocam-se como párias, vivendo a geração do silêncio e da marginalização. É dessa forma que Jane Tutikian universaliza o tema político dos anos 60-70 vividos pelo Brasil, ao tempo da ditadura de 1964, para simultaneamente apropriá-lo sob a perspectiva de uma dupla de jovens. Mais do que isso, contudo, é também a universalização de uma história particular de amor frustrado entre dois jovens, que se politiza na perspectiva de suas identidades e de suas experiências que, de certa forma, retomam as anteriores da velha Elisabeth.

A iniciação de Hilária, portanto, se dá sob o signo da negatividade, marcada por todo um vocabulário escatológico que revela o nojo, a desilusão e a descrença da personagem em si, sobre seu próximo – no caso Frederico – e mesmo sobre a his-

tória. Sua condição de mestiça, de filha espúria, de renegada na própria família, que engendra uma vingança inconsciente, traduz na verdade a projeção da figura do pai, que tanto desejou e ao mesmo tempo, odiou pelo abandono – Antonio – em Frederico, seu primo e amante, a quem, por seu lado, de certa maneira trairá, ao abandoná-lo, no final da narrativa para ir em busca daquilo que aparentemente sempre rejeitara, o poder. (A traição, assim, é dupla: o abandono de Fred e, ao mesmo tempo e principalmente, dos ideais de Fred).

Utilizando citações de composições musicais de John Lennon ou Caetano Veloso, dentre outras tantas, a autora ambientaliza rapidamente a narrativa, sem necessidade de maiores explicações, o que bem serve para a síntese e o enxugamento do texto a que se propôs. Simultaneamente, utilizando técnicas variadas de corte e montagem sintática, de quebra da narrativa com posterior encadeamento em outro capítulo, Jane Tutikian dinamiza e dramatiza a narrativa, bastando dar-se o exemplo abaixo para verificar-se o quanto a escritora amadureceu o domínio do texto e o excelente partido que tira da consciência que tem do seu idioma:

*“Minhas pernas se encolhem, tremendo, como se há muitos anos estivessem paralisadas. Há emoção no movimento.*

*Meu corpo não me obedece.*

*Levanta.*

*Levanto, entre esforço e facilidade, levanto.*

*Apanha.*

*Apanho o casaco atirado sobre a cadeira, junto à mesa. As baratas se divertem no pão e na sardinha. O banquete da fome.*

*Veste.*

*Visto o casaco sobre a camisola. O frio é um frio úmido.*

*Caminha.*

*Caminho lentamente até a porta.*

*Olha.*

*Contra mim, olho para o quarto: na ponta da cama despenca o lençol encardido e o pé amarelo de Fred.” (p.59)*

Observe-se que, sem nada anotar ou observar, apenas mediante o correto uso da linguagem, a escritora decifra todo o fracionamento e a divisão da personagem, que se sente dicotomizada com o seu corpo, a quem olha desde fora, diferentemente de sua vontade, que na verdade é quase que por ele conduzida.

Da parte inicial intitulada *iniciação*, passa-se àquela intitulada *transmutação*, temporalmente um flash-back, eis que, retornando ao passado, fica-se sabendo, pela memória de Hilária, memória quase desadjetivada, diga-se de passagem, os antecedentes que a ilharam da família de origem: o romance de Antonio, filho preferido de Elisabeth, com Tereza, aparentemente uma negra, de onde nasceria Hilária, a mestiça. Antecedendo a esse episódio, o desaparecimento do marido de Elisabeth, o dr. Albuquerque, que um certo dia os esbirros da polícia política do Estado Novo vêm buscar sob a alcunha de Dr. Queirós, e que só retornará após ter sido assassinado na prisão.

É aqui, então, que o título da segunda parte se justifica, eis que imbrica a narrativa à estrutura anterior. Naquela, soube-se dos sonhos e ideais militantes de Fred, o que o levaria a ser preso e torturado. Embora sobrevivendo – e então estamos sob a égide da ditadura de 1964 – quando Fred volta não é mais o mesmo, segundo as observações de Hilária. Pois agora, na segunda parte, se narra experiência semelhante à dela, antecipada por Elisabeth, e daí a transmutação. Transmutação dupla, da velha Elisabeth que deve assumir seu próprio destino e de sua família, o que fará com probidade e orgulho tornando-se uma mulher dura, e de Hilária, que passa a identificar-

se com Elisabeth, ao contrário da relação de ódio que nutre por Irma, a governanta, ao sentir-se inconscientemente próxima da avó, a quem, no fundo, admira pela força e a combatividade.

Toda a narrativa de geração traída ordena-se sob uma ótica nitidamente feminina, não porque seja escrita por uma mulher, mas porque são os sentimentos e os enfoques dessa mulher, no caso a personagem Hilária, que se recriam para o leitor. Mais que isso, na primeira parte tem-se quase que a impressão de estar a narradora a conversar diretamente com o leitor, sem a intermediação da escritora e de seu texto. Assim, é emocionante a descoberta do sexo por parte de Hilária, na segunda parte, tanto quanto a primeira relação entre Fred e ela, na primeira. Enfim, na terceira parte, denominada *poder*, chegaremos à identificação e à substituição de Elisabeth por Hilária, o que concretiza a traição que a jovem mencionara poucos antes, uma dupla traição que implica não apenas o abandono do amante enquanto dorme, exatamente num momento raro de felicidade, como se explicitara logo ao início da narrativa, quanto por abandonar suas idéias e ideais. Assim, se a forma da novela é circular, inclusive por trazer uma epígrafe de texto na primeira parte que é retirada da terceira e última, a circularidade é um movimento aberto e contraditório, eis que, se no início havia-se negado a adesão ao poder (p. 25) ao final busca-se a concretização desse poder, figurado na tomada da bengala da velha Elisabeth por Hilária, que chega no momento do velório da avó. Desta maneira, verifica-se que a geração traída a que alude o texto deve ser vista ambigualmente. Ela é traída não apenas porque reduzida ao silêncio e ao não-movimento, como no caso de Fred, mas também porque ela se torna sua própria sedição, como no caso de Hilária, que, ao avançar na vida, termina abandonando o ideal anterior e, assumindo plenamente o egoísmo que esboçara indistintamente na primeira parte da narrativa e aparentemente condenara na segunda, exerce-o em sua plenitude não apenas pelo abandono do amante quanto pela posse do objeto-símbolo de poder, "a bengala preta com a cabeça de leão dourada". (p. 74)

Em resumo, Jane Tutikian permanece fiel, nesta nova obra, a seu projeto literário. Texto curto e denso, narrativa intimista – o que não impede o relacionamento com o exterior e, sobretudo, absoluto domínio da técnica narrativa. Não dá técnica pela técnica, mas sim, de uma técnica a serviço de alguma coisa. No caso de Geração traída, a constatação – e daí porque disse, no início, da necessidade da passagem do tempo para que se pudesse amadurecer isso – de que a traição também encontrava-se no bojo dos próprios traídos.

Antonio Hohlfeldt

TUTIKIAN, Jane. *Geração traída*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. 74 p.

### *Videiras de Cristal* Luiz Antonio de Assis Brasil

Mercado Aberto está lançando mais uma obra de grande valor na ficção literária. Assis Brasil está aprofundando fatos da História do Rio Grande do Sul, traduzindo-os em romances de cunho histórico, sociológico e antropológico. Conhecer a história, vasculhar documentos, meditar e sonhar sobre um punhado de anotações,

eis a base dos romances de Assis Brasil. A seqüência da produção ficcional perluastra várias facetas das pessoas que viveram, que fizeram a história de nosso povo, tais como: *Um quarto de légua* (1976); *A prole do Corvo* (1978); *Bacia das Almas* (1981); *Manhã Transfigurada* (1982); *As virtudes da Casa* (1985); *Cães da Província* (1988), em 1990 aparece o romance *VIDEIRAS DE CRISTAL*. A temática de Luiz Antonio é o mapa histórico e humano do Rio Grande nas guerras platinas, na Revolução Farroupilha, as agruras de Orpo Santo, e agora volta-se para os Muckiers, no pequeno território do Ferrabraz entre São Leopoldo e Novo Hamburgo. A paisagem geográfica reduzida e variada, em que se movimentam personagens com suas ideologias, crenças e enfermidades. Tudo isso traduz a evolução de um povo de imigrantes que luta e trabalha para subjugar a terra e os elementos e conquistar a sua personalidade, liberdade de viver, de trabalhar e de ter o seu mundo religioso. Os Muckiers tratados historicamente por vários autores entre eles Leopoldo Petry, é, um episódio interessantíssimo não só para a região de Colonização Alemã mas para todo o Rio Grande, no anseio de integração de etnias e culturas. *VIDEIRAS DE CRISTAL*, nome sugestivo e fantasioso que traz a imagem contracenando com o adjunto nominal de cristal – que indica transparência, elevada beleza e brilho sem par, na fragilidade da criatura, filha da imaginação e do sonho.

Ir. Elvo Clemente

### *Os Astecas na véspera da conquista espanhola* Jacques Soustelle

Há pouco mais de quatro séculos, o império asteca, uma civilização brilhante e estranha, profundamente diferente das do Velho Mundo, vivia nas margens dos grandes lagos do México central. O século indígena durava 52 anos e sua passagem era celebrada com a festa do Fogo Novo. A última foi realizada em 1507 momento em que a civilização mexicana estava em pleno desenvolvimento. Ela logo iria desmoronar sob os golpes de um punhado de soldados espanhóis, num massacre de proporções poucas vezes vistas na história.

O imperador Montecuhzoma, liderando uma liga de cidades autônomas numa sociedade plural, não poderia prever que a destruição do sistema de convivência religiosa entre os povos mexicanos provocaria a morte de toda uma sociedade.

*Os astecas na véspera da conquista espanhola* fornece ao leitor um quadro completo do dia-a-dia do México da época de seu primeiro contato com os europeus. Além de uma extensa e rica biblioteca da época, abrangendo temas históricos, histórico-míticos, descritivos, rituais, divinatórios e inúmeros pictográficos indígenas posteriores à conquista, Jacques Soustelle contou com a existência de importantes documentos deixados pelos próprios espanhóis, como as cartas de Hernán Cortés a Carlos V e as recordações de Bernal Díaz, para descrever a vida urbana dos habitantes do México-Tenochtitlán.

Em uma de suas cartas, Cortés escreve: "os astecas vivem quase como na Espanha e com tanta ordem quanto nela". Jacques Soustelle nos dá uma imagem abrangente desta civilização sofisticada e surpreendente encontrada pelos espanhóis no ano de 1519.

Jacques Soustelle nasceu em 1912, formou-se em letras e ocupou o cargo de diretor de pesquisas da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, de Paris. Etnó-

logo, especializou-se em civilização asteca, sobre a qual publicou diversos trabalhos. Mas foi na política que ficou conhecido do grande público. Foi deputado por Lyon.

### *A Grande Arte* Rubem Fonseca

Dando continuidade à publicação de toda a obra de Rubem Fonseca, a Companhia das Letras recedita agora o romance *A grande arte*, cuja transposição para o cinema realizada por Walter Salles Jr. também estreou em 1990.

Ex-advogado especializado em direito penal e ex-delegado, Rubem Fonseca lançou mão de toda sua experiência para criar esse romance no qual Mandrake, um advogado sarcástico e mulherengo (também protagonista de um dos contos de *O cobrador* e de *Feliz ano novo*), torna-se o herói vingador das atrocidades sexuais cometidas à sua amante preferida. Nesta busca de vingança ele encontra o mestre que vai iniciá-lo na grande e misteriosa arte do manejo das armas brancas. Se o enredo parece já a princípio intrincado, o autor o torna inesquecível, preenchendo-o com coadjuvantes marcantes, baseados em seu profundo conhecimento da sociedade carioca, compondo, no todo, "um poderoso inventário sobre a nossa decadência" (Sérgio Augusto, *Folha de S. Paulo*).

A procura de uma fita de videocassete que supostamente revelaria algum segredo embaraçoso envolvendo o financista Thales Lima Prado é a mola-mestra da trama. A partir daí o leitor mergulha no mundo de organizações criminosas multinacionais, traficantes de drogas e assassinatos de fina perfécia e crueldade e ao conhecimento de personagens como Camilo Fuentes e José Zakkai, um boliviano cruel que tem medo de assaltos e aviões e um anão negro, "cria" da marginalidade carioca.

"As próximas gerações encontrarão neste livro a síntese do Brasil atual, num apontamento de historiador futurista emboscado ao longo de todo o romance. Aqui está - a síntese:

'Assim era a vida, numa ilha de crocodilos ou na cidade do Rio de Janeiro.'

José Carlos Oliveira, *Jornal do Brasil*, 13/2/84

"*A grande arte* é, acima de tudo, um desafio aos nossos escritores ditos realistas e/ou naturalistas. Desistam, Rubem Fonseca continua inigualável."

Sérgio Augusto, *Folha de S. Paulo*, 4/12/83

### *É sempre noite* Léo Malet

Léo Malet é o precursor do romance *noir* francês, tendo publicado suas primeiras obras deste gênero no início da década de 1940 (a famosa *Série noir* iniciou-se em 1947). Nascido em Montpellier, em 1909, ficou órfão aos três anos de idade. Com dezesseis anos foi para Paris, onde passou a frequentar o meio anarquista. Em 1931, conheceu André Breton e se aproximou dos surrealistas, publicando diversos livros de poesia cujos títulos eram altamente significativos, como *Não ver mais longe que a ponta de seu sexo*, *Eu árvore como cadáver* e *Cornélia dos sapatos enlame-*

*ados de sangue*. Em 1940 foi preso por ser anarquista e internado em um campo de concentração, de onde saiu no ano seguinte. Foi quando começou sua produção de mais de cinquenta romances policiais, primeiro sob pseudônimos como Frank Harding, depois com o próprio nome. Na década de 1950, publicou a série "Novos mistérios em Paris", quinze romances que se passam em quinze bairros diferentes da capital francesa e cujo protagonista é o detetive Nestor Burma, personagem divertido, inimigo da ordem estabelecida e amigo das mulheres e das bebidas. A partir de 1970, Léo Malet foi redescoberto pela crítica e pelo público, tendo quase todas as suas obras receditadas e, segundo ele mesmo, podendo finalmente "fazer três refeições por dia". Malet vive hoje na *banlieue* parisiense, cercado por sua coleção de anúncios de lingerie e sempre com o inseparável cachimbo na boca que o acompanha desde os catorze anos de idade.

*É sempre noite* foi publicado originalmente em 1948, com o título de *La vie est déguenillée* (A vida é um asco), e republicado em 1980, como *Il fait toujours nuit*. Trata-se do primeiro volume do que o autor chamou de "Trilogia negra", obras que fogem ao esquema tradicional do romance de detetive e expressam de maneira mais pessoal a visão de mundo pessimista de Malet, marcada pelo anarquismo e surrealismo. Seu protagonista, que lembra certos personagens-bandidos de Rubem Fonseca, nutre profundo ódio pela sociedade, considera safadas e putas todas as mulheres e passa facilmente das ações terroristas de "expropriação" para a delinquência pura e a violência gratuita. Porém cultiva uma paixão louca por uma mulher casada, causa de sonhos eróticos alucinantes. A aproximação entre realidade e sonho provoca uma explosão de sentimentos noturnos de efeitos inesperados, mas inevitáveis.

Léo Malet, que admite como única influência a de Dashiell Hammett, narra esta inexorável descida aos infernos com a agilidade do melhor romance policial, ao mesmo tempo em que se utiliza dos recursos expressivos do surrealismo.

### *Onde Andará Dulce Veiga?* Caio Fernando Abreu

*Onde andará Dulce Veiga?* levou pelo menos 13 ou 14 anos sendo elaborada, e começou a ser escrito em 1985. A ação do livro passa-se em 7 dias e nos traz todos os momentos de uma incrível busca, por um jornalista, de uma cantora que desaparece no auge da fama. Numa trama bem construída recheada de ironia e sátira, como um *thriller* psicológico, mergulhamos num mundo ao mesmo tempo sórdido e lírico.

Do jornalista conhecemos seus hábitos, seu cenário - um "prédio doente, contaminado, quase terminal" na parte baixa da rua Augusta -, sua vida; mas nunca seu nome. Sua perseguição é quase desesperada pois seu objetivo maior é, na verdade, sua própria identidade. A lembrança de Dulce Veiga é a reconstituição de sua memória e, através desta, ele acaba por definir sua sexualidade confusa, por descobrir o nefasto jogo de poder por trás da empresa jornalística onde trabalha.

Estes 7 dias, do começo ao final da busca, constituem, segundo o autor, "um espaço mágico" onde o jornalista, mesclando alucinações e realidade, é perseguido pela imagem do divino ou da magia, seja na astrologia, na evocação a Deus ou nos rituais de candomblé.

Mas não é só o encaixe obsessivo desta mulher que o romance nos conduz: vemos, com imagens cruas, os demais personagens também perdidos no vazio da vida, tentando sobreviver da melhor maneira possível. É a filha de Dulce Veiga, líder

de uma esdrúxula banda de rock; o ex-marido, um diretor teatral; o ex-amante guerrilheiro; o riquíssimo proprietário do jornal que financia a investigação; Jacyr, um travesti de 13 anos, traficante de maconha; enfim, um cenário de marginais sexuais, sociais e emocionais.

*Onde andaré dulce Veiga?* é a síntese de muitos de nossos ídolos, numa ficção contaminada, sobre um país contaminado, em tempos contaminados. E o autor dedica sua história a todas as cantoras do Brasil.

### O autor

De Lygia Fagundes Telles: "Caio é o escritor da paixão".

De José Castello (Jornal do Brasil): "Seu texto não é apenas um texto: são golfadas de sentimentos, impressões dilaceradas que Caio aplica o status de ficção como disfarce".

Do próprio Caio: "Gosto de dedicar minhas coisas, porque sou movido a pessoas. As pessoas é que são importantes".

*Onde andaré Dulce Veiga?* é o nono livro de Caio Fernando Abreu e seu segundo romance. Seus livros anteriores são: *Inventário do irremediável* (contos, 1970); *Limite branco* (romance, 1971); *O ovo apunhalado* (contos, 1975); *Pedras de Calcutá* (contos, 1977); *Morangos mofados* (contos, 1982); *Triângulo das águas* (novela, 1983); *Os dragões não conhecem o paratso* (Companhia das Letras, contos, 1988); *As frangas* (infantil, 1988).

Também autor teatral, tem publicada a peça *A maldição do vale negro* (1989). Por esse trabalho recebeu o Prêmio Molière de Melhor Autor, da Air France.

Por seu trabalho literário, já recebeu vários prêmios. Entre eles:

1970 - Prêmio Fernando Chinaglia, da UBE, por *Inventário do Irremediável*

1973 - Prêmio Estadual de Conto do Instituto Estadual do Livro-RS, pelo conto "Visita" (incluído em *O Ovo apunhalado*)

1980 - Prêmio Status de Literatura, pelo conto "Sargento Garcia" (incluído em *Morangos mofados*)

1984 - Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, melhor livro de contos, por *Triângulo das águas*

1989 - Prêmio Jabuti, melhor livro de contos, por *Os dragões não conhecem o paratso*

1989 - Prêmio altamente Recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infante-Juvenil, por *As frangas*.

Em setembro-outubro de 1988, a convite do governo da Alemanha Ocidental, participou do I Encontro Internacional de Escritores do Terceiro Mundo, realizado em Erlangen, Alemanha.

Tem contos traduzidos e publicados em antologias nos Estados Unidos, França, Canadá, Itália. Seu livro *Os dragões não conhecem o paratso* - depois de elogiado por John Gledson no *Times Literary Supplement* - está sendo traduzido para o inglês e francês. O lançamento da edição inglesa, pela Boulevard Books, está prevista para novembro de 1990; o lançamento da edição francesa, pela Éditions Complexe, para janeiro de 1991.

Com seu primeiro livro publicado em 1970, em 1990 Caio Fernando Abreu está completando 20 anos de literatura.

### Destaques

**JORNALISMO LITERÁRIO** - A Companhia das Letras traz em julho uma nova série para seus leitores, com capas especialmente elaboradas pelo artista gráfico Hélio de Almeida: o jornalismo literário. Abrindo a série, o livro *Nós, o povo*, de Timothy Garton Ash, que traz de forma vívida e empolgante os acontecimentos que estão na ordem-do-dia e vem mudando a face do Leste europeu. O próximo lançamento da série, previsto para agosto será o livro *Um milagre, um universo*, de Lawrence Weschler, o mais completo relato sobre a tortura no Brasil e no Uruguai jamais escrito.

Na área de literatura, um lançamento imperdível: o sarcástico *Enderby por dentro*, o primeiro livro de uma trilogia formada pelos mais engraçados romances que Anthony Burgess já escreveu.

*A volta de MacLuhanaína*, de Richard Morse, é uma obra cuja fama já circula pelos meios universitários e que vem sendo ansiosamente aguardada pelos fãs do repeditado brasilianista de *O espelho de Próspero*.

*Visões da liberdade*, de Sidney Chalhoub, uma obra instigante construída a partir de estudos de mais de 500 processos no Tribunal do Júri do Rio de Janeiro, movidos por escravos contra seus senhores, resulta numa profunda análise dos últimos anos do trabalho escravo naquela cidade.

*Extraterritorial*, segundo George Steiner, é a condição do autor de hoje, capaz de escrever em várias línguas, hesitante na escolha de uma delas e um exilado permanente. Crítico e levemente nostálgico, Steiner reflete sobre a linguagem, sua riqueza e seu empobrecimento na sociedade moderna.

### A Dança

O LIVRO - Para Klaus Vianna, a dança, quer pelas possibilidades expressivas de movimento, quer como método libertador, leva ao autoconhecimento e à comunhão com o mundo. Assim, de maneira objetiva, A DANÇA expõe reflexões maduras de um artista que atua há cerca de quarenta anos, revelando que antes de exprimir na matéria a sua experiência existencial, o homem a traduz com a ajuda do seu próprio corpo. Alegria, dor, amor, terror, nascimento, morte - para o autor, tudo é motivo e ocasião de dançar.

O livro divide-se em duas partes: a primeira, autobiográfica, retrata Klaus vianna nos anos 30 e sua já inata vocação. Na segunda, o autor coloca a liberdade como condição essencial para a dança.

O AUTOR - O bailarino, coreógrafo o professor Klaus Vianna é considerado um dos renovadores da dança contemporânea, no mesmo nível de Kazuo Ohno e Pina Bausch. Influenciou várias gerações de bailarinos, ganhou o Prêmio Molière e sua trajetória confunde-se com a própria história da evolução da dança no Brasil.

## PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS DA PUCRS

### VERITAS

Revista de cultura geral – Trimestral

### LETRAS DE HOJE

Revista de estudos de Lingüística, Literatura e Língua Portuguesa – Trimestral

### TEOCOMUNICAÇÃO

Revista de estudos de Teologia, Filosofia e áreas afins, órgão de comunicação do Instituto de Teologia – Trimestral

### ESTUDOS IBERO-AMERICANOS

Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana, do Curso de Pós-Graduação em História – Semestral

### REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS

Editada pela Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria – Trimestral

### PSICO

Revista especializada em Psicologia – Semestral

### DIREITO & JUSTIÇA

Revista da Faculdade de Direito – Sem periodicidade

### EDUCAÇÃO

Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação – Semestral

### ODONTO CIÊNCIA

Revista da Faculdade de Odontologia – Semestral

### PUCRS – INFORMAÇÃO

Boletim informativo – Bimestral

### AGENDA PUCRS

Boletim informativo interno da PUCRS – Mensal

### COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS

Sem periodicidade

### MUNDO JOVEM

Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado ao Instituto de Teologia e Ciências Religiosas – Mensal

### ANÁLISE

Revista da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas – Semestral